

Dia da Europa

Senhor Presidente da Assembleia Legislativa;
Senhoras e Senhores Deputados;
Senhores membros do Governo;

O futuro da Europa passa pela Educação. É com este lema que hoje se comemora, no velho continente, o dia da Europa.

É certamente um dia merecedor de comemoração. Desde logo porque a Europa, o centro do mundo, o coração da civilização, faz de nós, povos das velhas nações europeias, gente com características próprias que nos distinguem dos povos dos outros continentes.

Falar de Educação, no dia da Europa, não deve significar apenas o modelo, pronto a servir, de lugares comuns em torno de pretensas cidadanias comunitárias, as quais não existem, nem nunca existirão.

Falar de Educação, no dia da Europa, é falar da nossa história e da nossa vivência em séculos de partilhas e antagonismos, em que os traços comuns resultam daquilo que nos identifica como europeus, ou, o mesmo é dizer, da matriz comum aos povos que vivem neste espaço que ao longo dos séculos foi, é e continuará a ser o centro da cristandade.

Ironicamente a Constituição Europeia, teimosamente esquecida desta realidade, encravou, e bem, no coração da França.

Encravou e bem porque temos orgulho em ser europeus. E faz parte do ser europeu, ser antes de mais um cidadão com Pátria. Os Estados Unidos facilmente se federaram porque são na sua essência a construção dum utópico mundo novo

fundado por cidadãos, àquele tempo, sem pátria, nem história colectiva, embora certamente merecedores do nosso respeito pela sua determinação em construir um novo mundo.

A Europa, pelo contrário, está sedimentada, de Roma à mais pequena das aldeias, na história das Nações, em homens e mulheres com história, com família e com pátria.

Só somos europeus porque somos portugueses. Só há Europa enquanto houver Nações livres e soberanas.

O nosso hino nacional ou a bandeira que ostenta as centenárias quinas da nossa história ainda têm um lugar especial no coração de cada português.

Por isso, há que distingui-lo, uma coisa é a nossa Europa, factor de unidade entre identidades, outra bem diferente é o denominado processo de construção europeia com intuito federal, passe a expressão, bem mais enfadonho e indiferente aos cidadãos. Tanto assim é que os símbolos da União Europeia nada dizem ao comum cidadão, como é, aliás, o caso do dia de hoje que serve mais para nós políticos, em Portugal, darmos um ar de estadistas de elevada importância, como se na verdade não tivéssemos a humildade de reconhecer a nossa constante e gradual marginalização na tomada das decisões que interessam aos portugueses e aos açorianos.

Comemorar a Europa das Pátrias é celebrar Portugal e dar razão à nossa divisa açoriana, antes livres que em paz sujeitos. Pelo contrário, evocar o desígnio federal é reconhecer a nossa própria miséria de meios e de espírito.

O tema da construção europeia só consegue chegar à minoria de cidadãos aficionados das tertúlias do rissol,

precedidas estas de entediantes colóquios que costumam ter mais cadeiras vazias do que ideias diferentes.

Infelizmente em Portugal estamos condenados à alternância de dois partidos que, nesta matéria, como em outras, pensam uma e a mesma coisa. Que se diga a verdade: os socialistas fazem bem em pensar assim: é o seu papel enquanto agentes e representantes do pensamento republicano e progressista. Mas que me perdoem os deputados aqui presentes, pois não é nada de pessoal, mas para que serve então o PSD? O grande Partido à direita do PS não tem, neste importante debate acerca do nosso futuro comum, uma única diferença com aqueles cujo pensamento é consequência lógica e coerente dos herdeiros da esquerda democrática europeia? O PSD tem sido nesta matéria o melhor garante de que o pensamento de centro esquerda é sempre maioritário. Não há, também por isso, na sociedade portuguesa, um verdadeiro debate em torno desta questão.

Mais uma vez aqui é de saudar o tema da educação. Porque só haverá democracia quando houver pensamento próprio. Ninguém tem toda a razão. Mas pior do que isso é fazer escolhas sem saber razões. O verdadeiro debate sobre a Europa não está feito em Portugal.

Mas permitam-me também que deixe aqui registadas duas notas sobre aquilo que para nós açorianos tem significado a União Europeia. Se nas questões institucionais temos as mesmas preocupações que o Estado que integramos, pois é o valor do seu voto e da sua presença que impede ou dita recuos ou avanços, que, também a nós dizem respeito, é sobretudo nas questões económicas e comerciais que as nossas preocupações são redobradas.

Se é verdade que a ultraperiferia está consagrada juridicamente não será menos verdade que na prática não é aplicada no dia a dia. À noção de ultraperiferia deveria

estar associada desde logo a ideia de excepção e de permanência.

As dificuldades que são geradas pelo nosso isolamento; os custos das nossas produções que resultam dos transportes; o simples facto da livre circulação de pessoas de, e para, os Açores só se poder fazer por transporte aéreo, o que implica custos elevados: seriam todas razões suficientes para a União Europeia ter por assente que aquilo que é válido para o continente europeu, não o é necessariamente para os Açores. Em alguns casos não será justo, ao menos.

Paralelamente há que aprofundar a rede de alianças com as regiões com as mesmas características que as da nossa, potenciando uma maior influência, e até mesmo tirar proveito das consequências do grande mercado europeu.

Cabe neste conceito, o que é defendido por muitos, e que tem a ver com a busca de pequenos nichos de mercado, onde facilmente os nossos produtos seriam escoados.

É fundamental desenvolver, em termos externos, em destinos bem definidos, a promoção dos produtos e marcas regionais, e até mesmo dos nossos serviços, como um esforço válido e assumido pela Região.

Este esforço deve incluir a componente técnico-económica de apoio às nossas produções. De conciliação da tradição dos nossos sabores com a qualidade higiénico-sanitária que hoje é exigida.

O ponto de partida deve ser cada vez mais a convicção de que a União Europeia já não é a fonte de maná que permitiu a investida federal impune e galopante, mas sim um desafio à nossa capacidade de aproveitamento desse imenso mercado.

Quanto ao resto os cidadãos já decidiram. Não vale a pena o cínico lamento de que a construção europeia com intuito federal atravessa momentos difíceis. Há que assumir a verdade: é um intuito que quando votado pelo povo foi rejeitado. Obrigado à França que desta vez prestou um importante serviço na alteração do pensamento europeu, rompendo definitivamente com a ideia da inevitabilidade do federalismo.

A bem da verdadeira Europa: a Europa das Nações livres e soberanas.

A bem da Europa. A bem de Portugal.

Muito Obrigado.

Horta, Sala das Sessões, 09 de Maio de 2006

O Deputado

Paulo Domingos de Gusmão